

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Folha de São Paulo

Class.: 15

Data: 28.01.77

Pg.:

Atroaris serão contatados

BRASILIA (Sucursal) — A abertura ao trafego da BR-174, que liga Manaus ao município de Caracaraí em Rondônia, desperta a atenção e preocupação da Fundação Nacional do Índio pela presença na área do grupo Waimiri-Atroari, responsável por massacres consecutivos aos funcionários do órgão indigenista.

Para o sertanista Apoena Meirelles — que trabalhou na região durante seis meses — “vai ser um trabalho difícil para a FUNAI controlar os Waimiri-Atroari, de forma que eles não sejam atraídos pela estrada. Essa atitude seria o começo da integração do grupo, um dos únicos que se mantêm completamente afastados da civilização”.

GENERAL CONCORDA

O presidente da FUNAI, general Ismarth de Araújo Oliveira, concorda com o ponto de vista de Apoena quanto ao desafio que representa a vigilância no decorrer dos quase 100 quilômetros que atravessam a reserva dos Waimiri-Atroari. Há poucos dias, o general Ismarth declarou a esse respeito: “nossos problemas na área vão começar quando o 6.º BEC entregar toda a responsabilidade do trecho da reserva à FUNAI”.

A partir da inauguração da BR-174, a FUNAI pretende construir tres postos de vigilância às margens da rodovia, para garantir a segurança dos transeuntes no trecho dos Waimiris. “Mais ainda assim será difícil controlar a ida dos índios para as estradas porque esse grupo tem características próprias: não se deslumbram com um “tapiri” — utilizado nas missões de atração para depositar os presentes à tribo, durante a fase do “namoro” — disse Apoena. “Um outro fator que

pesa na questão BR-174/Waimiri-atroari é que, como um forte apelo para os índios, surge a estrada como um grande e variado “tapiri”, onde eles vão ver os automóveis, máquinas, e isso sim, é preocupante.

Apoena afirma que estaria disposto a voltar para a reserva dos Atroari, “um dos lugares onde ainda se pode fazer algum trabalho. Lá não há invasores e, se conseguirmos criar o Parque, será um grande passo. Aquela região é inóspita e não atrai grupos econômicos, nem fazendeiros”.

TRATAR COM FIRMEZA

Para o pessoal do 6.º BEC, o problema dos índios Waimiri se resolve através do tratamento firme que ele vem dando por ocasião dos rápidos contatos que mantém com membros dos grupos. De fato, comenta-se em Boa Vista, a única coisa que um Waimiri-Atroari teme é a farda do Exército. Para o 6.º BEC, a confraternização não é um bom caminho para conduzir as relações entre a civilização e aqueles índios.

Para o sertanista Apoena Meirelles, os Waimiri-Atroari são tão especiais, que o próprio processo de atração que se pretende aplicar a eles deverá ser inovado, pois “o processo natural não funciona junto àquele grupo.” Disse ainda o sertanista que para se conseguir uma condição de segurança satisfatória na área, cada um dos postos da FUNAI deveria estar equipado com pelo menos 15 homens.

“Eles só atacam quando sentem que a ocasião favorece. Tem sido sempre assim, durante um século. Os Waimiri são inteligentes. Não aceitam a aproximação dos funcionários da FUNAI, mas há anos comerciavam com regatões, sem que qualquer problema tenha sido gerado dessas relações”.